

**Seminário de Extensão 2021**  
**“Do Substantivo ao Verbo: Esperançar e Democratizar”**  
**Conferência de Abertura<sup>1</sup>**

---

**Democracia e seus inimigos**

**Democracy and its enemies**

**Eugênio Bucci<sup>2</sup>**

Boa noite, minha gente. É uma alegria muito grande estar aqui. Eu quero fazer uma saudação especial ao professor Mozahir Bruck que vai nos mediar nesta mesa, um estudioso da comunicação, meu colega. Quero agradecer à professora Luciana Fagundes da Silveira pela paciência que teve em conversar comigo em tempos de tanta correria como nós estamos agora. E agradeço muito a ela, que fez toda a ponte para que eu pudesse estar aqui com vocês hoje. Saúdo também o Pró-reitor Wanderley Felipe, a quem cumprimento pelas belas palavras e pela lembrança do verbo “esperançar”, tal como Paulo Freire nos ensinou a conjugá-lo, e assim seguiremos. E saúdo, também, a Pró-reitora Maria Inês Martins, que aqui está conosco.

É uma honra, para mim, fazer esta fala de abertura sobre a democracia e seus inimigos dentro de um evento cuja ideia passa pelos verbos “esperançar” e “democratizar”. Eu vou conversar com vocês, vim para dialogar e não para monologar. Peço que cada uma das pessoas que nos acompanha me siga de forma descontraída, sem muita cerimônia e de espírito aberto. O que eu gostaria de conversar - e vou imprimir à minha fala com um tom coloquial de aproximação - tem a ver com o desfileiro que se abre no nosso destino, no destino do nosso país, da nossa democracia e das nossas vidas pessoais.

---

<sup>1</sup> Esta palestra foi proferida na Abertura do Seminário de Extensão da PUC Minas, em 22 de setembro de 2021. Foi transcrita pela estagiária da Coordenação de Publicações da Proex, Vanessa Vieira Rodrigues.

<sup>2</sup> Professor Titular da Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP). Membro do Conselho Administrativo do Colégio Santa Cruz de São Paulo e do Conselho Consultivo da Aberje (Associação Brasileira de Comunicação Empresarial). Foi presidente da Radiobrás entre 2003 e 2007. Na Editora Abril, foi diretor de redação das revistas Superinteressante e Quatro Rodas e Secretário Editorial. Ganhou o prêmio Luiz Beltrão de Ciências de Comunicação, na categoria Liderança Emergente (2011), o Prêmio Excelência Jornalística 2011, da Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP) e o Prêmio Esso de Melhor Contribuição à Imprensa (2013) pela Revista de Jornalismo ESPM. Escreveu, entre outros livros, **O Estado de Narciso** (2015) e **A Forma Bruta dos Protestos** (2016), ambos pela Companhia das Letras, **Existe Democracia sem Verdade Factual** (2019), pela Editora Estação das Letras e Cores e **A Superindústria do Imaginário** (2021), pela Editora Autêntica.

Eu quero começar dizendo da razão pela qual eu escolhi o termo “inimigo” para dar título a essa minha conferência: “Democracia e seus inimigos”. Nós, que cultivamos a democracia, dentro da democracia, não temos inimigos. Essa é uma lição difícil de aprender, mas indispensável. Dentro da democracia, nós temos adversários, que podem amanhã estar juntos de nós e que podem, depois, se separar de nós novamente. Nós vamos divergir sobre muitas matérias, vamos disputar espaço - seja no parlamento, seja na universidade, seja na reunião da vizinhança - mas vamos conviver estando de acordo com as formas que temos de discordar. E a democracia nos ensina a aperfeiçoar o padrão da nossa convivência sempre que nós erramos. Ela nos ensina a aperfeiçoar com método, em público, de forma transparente. Por isso essa é a melhor forma de conviver, não há outra melhor que a democracia.

No entanto, existem forças - nós aprendemos isso com a história - que combatem a democracia, e que a combatem de forma sanguinária. Paulo Freire mesmo, de quem nos lembramos hoje, esteve exilado, sofreu com a repressão política. Não porque tivessem algo pessoal contra ele, mas porque queriam exterminar as ideias que ele representava. Essas forças, que se opõem à democracia, nós não as chamamos de inimigas, mas elas nos chamam de inimigos. Elas se põem como inimigas da democracia, porque, por motivos diversos, não conseguem conviver com a liberdade, com a alegria, com o fluxo desimpedido do desejo, do amor e da busca da felicidade.

São muitos os descaminhos que levam seres humanos a nutrirem ódio pela democracia e a se organizarem como pelotões, como destacamentos, como exércitos que juram de morte aqueles que tentam construir uma sociedade solidária e livre. Essas forças contrárias à democracia existem e hoje ameaçam a liberdade no Brasil. Essas forças existem e hoje se apresentam como inimigas de algo que precisa ser construído no nosso país. Nós precisamos estar atentos, não podemos perder a esperança e precisamos superar esse momento, com a consciência de que inimigos - com essa palavra, inimigos mesmo - estão à espreita. Mas o nosso método não é a guerra, nem a violência. Nosso método é a palavra, a abertura de espírito, a solidariedade, a fraternidade e a força da união. É assim que nós vamos proteger a nossa democracia e é nesse sentido que eu venho falar para vocês.

Eu começo, portanto, a partir da explicação da razão pela qual eu escolhi a palavra “inimigo” para estar no título dessa minha conferência. É por aqui que vou desenvolver o tema, lembrando que a democracia é uma experiência precária, frágil, vulnerável, especialmente no Brasil do presente.

É muito comum que a gente encontre interlocutores pelo caminho que falam da democracia como se ela fosse um dado da natureza, como se fosse o Sol que se levanta todos os dias e ilumina o chão pelo qual a gente caminha, como se fosse as estações do ano ou as ondas do mar. A democracia é um trabalho, é uma construção de seres humanos e não é garantida, a não ser que existam seres

humanos comprometidos com ela. Sem seres humanos comprometidos com a democracia, não há democracia.

Nós ouvimos a todo momento expressões como: as instituições estão funcionando normalmente no Brasil. Ora, instituições também não funcionam sozinhas. Elas são movidas por gente de carne e osso, que trabalha com determinação e precisa ter coragem para enfrentar certos desafios. Sem isso, sem o fator humano, a democracia vai se esvaziando, vai se enfraquecendo e, se não estiver bem enraizada, pode morrer – ela pode morrer aos poucos. Ela pode ir morrendo, no gerúndio, até um ponto em que não lhe reste mais força para resistir ao cerco que porventura lhe sobrevenha.

Eu lembro a vocês a experiência da democracia grega. A democracia grega também é um evento com poucos anos de duração. Alguns estudiosos dizem que o apogeu da democracia grega aconteceu no século V a. C., por uns 15 ou 20 anos, mais ou menos no período de Péricles. Platão, por exemplo, que presenciou, já no final desse século, na virada para o século IV, a assembleia que condenou Sócrates à morte, a tomar cicuta e morrer, observava um certo descrédito da democracia. Ela não dura de forma exuberante, fulgurante, todo tempo. A democracia ateniense foi uma experiência efêmera – e é de lá que temos algum aprendizado que hoje é precioso para nós.

Depois, as revoluções iluministas, do século XVIII, vão abrir um caminho pelo qual as sociedades, inspiradas pelas ideias iluministas, vão construir instituições que, aos poucos, vão se aproximando de um ideal democrático. Mas, mesmo nos países ditos de tradição democrática mais sólida, a democracia é uma construção recente - recente e frágil. Vejamos, por exemplo, o voto das mulheres. O voto das mulheres começa a tomar concretude no século XX. Na França, as mulheres começam a votar depois da 2ª Guerra Mundial. Na Suíça, as mulheres começam a votar a partir da década de 1970 – e, até a década de 1990, ainda havia um ou dois cantões na Suíça em que o voto feminino não estava estabelecido. O reconhecimento de direitos, além do voto das mulheres, é algo que tardou a acontecer.

Vejamos o caso brasileiro: o que é a democracia no Brasil? Ainda é uma experiência que não alcança a totalidade da população. Ainda é algo que estamos construindo aos poucos, com dificuldade. Até 1985-1989, nós tínhamos um Estado delineado por uma ditadura instalada em 1964 e aprofundada em 1968. Essa ditadura deixou sua herança no Estado brasileiro por muitos anos e, quando nós pensamos no direito à educação, no direito à saúde, que são direitos que constituem uma ordem democrática, nós vamos ver que esses direitos alcançam poucas pessoas. Deveriam ser direitos plenos, materialmente assegurados, de toda a população, mas não é assim. O direito à segurança, será que existe no Brasil? Quando nós verificamos que tantas comunidades sofrem com a violência policial, com violências de diferentes modalidades, quando contamos os óbitos decorrentes do abuso

de poder, mortes causadas por armas de fogo nas mãos de policiais, fica evidente que não se pode dizer que a democracia no Brasil alcance toda a população. Podemos dizer, isto sim, que o Brasil é um país que a duras penas tenta construir uma sociedade inclusiva, de plenos direitos, mas somos obrigados a reconhecer que estamos longe de alcançar esse ideal. Será que é democrático um Estado em que a vinda da pandemia obriga as crianças a ficarem longe da escola e, por falta de equipamentos e tecnologia, essas crianças não conseguem acompanhar as aulas? Será que isso é um Estado democrático? Isso é uma sociedade democrática? Nós temos que admitir que não, que ainda não.

E isso interessa a nós, no dia de hoje, porque essas debilidades da sociedade democrática, que almeja uma ordem fraterna e livre, fazem com que ela seja mais vulnerável ao apelo dos inimigos da democracia. O que se chama hoje de populismo, ou de autocracia, ou de lideranças autocráticas, encontra um terreno fértil onde as pessoas não tiveram benefícios materiais reais proporcionados pela ordem democrática. Uma democracia que convive com o elitismo, que convive com a desigualdade em graus selvagens como nós temos no Brasil, além de ser uma democracia incompleta, é uma democracia vulnerável ao apelo, às chantagens dos inimigos dessa mesma democracia, e isso nos fragiliza.

Vejamos, então, o que nós podemos identificar quando pensamos nos inimigos da democracia. Eu vou, aqui, falar de duas vertentes que resumem um pouco a paisagem hostil com a qual nós estamos convivendo. De um lado, existem os inimigos da democracia como herdeiros de uma tradição autoritária ou totalitária que atravessa a história e vem desembocar, no presente, em lideranças que não suportam a liberdade. Algumas delas falam em nome da liberdade, mas no fundo falam em nome da liberdade para acabar com a liberdade de todos, a não ser dos agentes do obscurantismo, dos defensores das ordens autocráticas. Essa tradição histórica nos legou um tipo de inimigo da democracia. De outro lado, um pouco adiante, eu vou falar sobre o momento das comunicações no mundo, um grau impressionante concentração de poder e concentração de capital, que não é propriamente uma falange inimiga da democracia, mas propicia um caldo de cultura, um ambiente que favorece os autocratas. Vocês vão observar que, em vários países, seja nos Estados Unidos de Trump, seja na Hungria, seja na Polônia, existe uma simbiose entre as chamadas plataformas sociais e os piores discursos de intolerância e de ódio. Isso, por estarmos em um evento de reflexão sobre cultura, eu gostaria de explorar um pouco mais.

Eu vou falar dessas duas vertentes: a tradição autoritária que chega até nós, passando pelo totalitarismo, e o estado atual das comunicações capturadas pelos conglomerados monopolistas globais, que criam esse ambiente de fanatismo, estranhamente propenso a causas obscurantistas. Eu quero explorar essas duas vertentes numa reflexão rápida, para contribuir com aquilo que nos traz aqui.

Eu começo, então por essa tradição. Sem dúvida, na composição disso que identificamos como forças inimigas da democracia, existe algo que vem do passado, em um fio condutor de muita violência, muita brutalidade. Houve uma geração de socialistas no Brasil, de Paulo Emílio Salles Gomes e Antônio Cândido, que eram jovens nos anos 40, que falava muito em cesarismo. O cesarismo é uma modalidade de tirania. Claro que a palavra vem dos césares, especialmente de Júlio César, de Roma, que, com seu nome, cria um título de poder que será adotado pelos sucessores, todos eles também chamados de césares. Esse cesarismo vai ecoar em formas de poder, no século XIX, que têm a ver com o bonapartismo, e chegará ao século XX com o Kaiser, na Alemanha, com o Czar, na Rússia, com títulos que concentram uma densidade de poder cego e implacável e de grande espectro. O cesarismo é pouco lembrado e não é um problema que seja pouco lembrado, mas compareceu com clareza às formulações daquela velha geração de socialistas cultos que tivemos no Brasil em meados do século XX.

O bonapartismo também é uma figura pouco lembrada, mas essencial. Vou destacar uma característica do bonapartismo: ele tem a ver com o nome de Bonaparte - Napoleão Bonaparte e, depois, Luís Bonaparte. Quando Marx escreveu que a história se repete, a primeira em tragédia e a segunda em farsa, a tentativa de estabelecer uma ditadura bonapartista tinha a característica, por exemplo, de uma hipertrofia do Poder Executivo, que tendia a atropelar, ou a inibir, sufocar, o parlamento, o Poder Legislativo. Isso é uma característica do bonapartismo.

Outra característica é a necessidade de uma expansão, de ir para fora, de conquistar territórios, de identificar inimigos na vizinhança, que justificassem medidas duras internas e externas. Isso é outra característica do bonapartismo. Uma terceira característica do bonapartismo, que mais me interessa, é a característica pela qual o líder autoritário estabelecia um canal direto com as massas. Isso é uma novidade na política do século XIX: esse canal direto entre o líder e as massas, por vários meios.

O líder bonapartista - ou de tipo bonapartista – despreza as mediações próprias da política, sejam essas mediações a representação, os critérios de representatividade, as negociações, e resolve as coisas falando diretamente com as massas, em nome das massas. O líder bonapartista, por essa característica, é uma espécie de justiceiro que busca o seu apoio e a sua legitimação nessa relação próxima com seus seguidores. Essa característica me interessa muito porque ela, de alguma maneira, sobrevive até o nosso tempo e vai alcançar gente como Trump, que governava pelo *Twitter*. E Trump, vocês sabem, deixou imitadores por aí, alguns próximos de nós, que imaginam poder governar pelo *Twitter*, ou poder sabotar as instituições pelo *Twitter* e pela gritaria, em comícios encenados. Isso é um traço que vem do bonapartismo do século XIX.

Em um certo sentido, as tecnologias digitais realizaram um sonho dos bonapartistas de ter uma conexão mais ativa e direta com as massas. As tecnologias digitais dos nossos dias não são ruins em si, mas a forma de propriedade que as organiza e, mais do que isso, a adaptabilidade que elas têm com relação aos discursos autocráticos, fazem delas uma ferramenta eficiente para as pregações antidemocráticas, e a gente tem visto isso em toda parte. Repito: a tecnologia não é ruim, mas esse uso, acoplado a essa relação de propriedade que hoje governa boa parte da tecnologia, cria, sim, um traço problemático na nossa cultura política.

Eu quero falar um pouco mais dessa tradição histórica, a tradição que deságua, hoje, nos inimigos da democracia. Eu quero passar um pouco pelo século XX. Nós não podemos dizer que os líderes que estão aí - sejam eles Trump, sejam eles um imitador barato, vulgar, de Trump - sejam bonapartistas, porque o quadro histórico é completamente diferente. Mas nós podemos reconhecer algo de cesarismo e podemos reconhecer algo de bonapartismo no comportamento dessas figuras como Trump e seus imitadores desprezíveis.

Podemos ver, também, traços de fascismo. Nós, que queremos proteger a democracia e queremos fortalecê-la, devemos ser criteriosos quando usamos a palavra fascismo, é evidente. O fascismo, no seu modelo italiano de Mussolini, não é a mesma coisa que vemos hoje em alguns países. Havia características no fascismo que não aparecem nos modelos que aí estão. O fascismo, por exemplo, na Itália, se baseia numa forte defesa dos trabalhadores, na criação, inclusive, de direitos dos trabalhadores. Era uma defesa deturpada, de forma exploratória, autoritária, inaceitável do ponto de vista do que é uma ordem fraterna, mas havia, de um jeito ou de outro, uma base social na defesa de direitos dos trabalhadores. Basta lembrar que a “Carta Del Lavoro” da Itália Fascista inspirou a Consolidação das Leis Trabalhistas no Brasil. Essa defesa dos trabalhadores, mesmo que demagógica, não se verifica no que nós vemos hoje nas forças inimigas da democracia no Brasil. Ao contrário, as forças que são inimigas da democracia no Brasil são adeptas da “uberização” de toda forma de trabalho, defendem um estado de coisas no qual cada pessoa que se vire para levantar o seu sustento.

Se hoje algumas autoridades recorrem a cópias de programas como Bolsa Família, o fazem com finalidade puramente teatral, eleitoral, não há construção da dignidade humana por meio dessas políticas. Nos programas que estamos vendo aí, existe uma distribuição de recursos que depois irão abastecer um comércio muito viciado. Não se trata de uma construção de direitos. Enfim, o traço de defesa de uma classe operária, ainda que uma defesa demagógica, que era uma característica do fascismo, não ocorre nos modelos contemporâneos de autoritarismo. Que isso fique bem claro!

No entanto, outros traços do velho fascismo aparecem, e aparecem aqui no Brasil. Por exemplo, o machismo. O machismo não é uma característica que possamos chamar de episódica ou de periférica na cultura fascista. Ao contrário, o machismo é uma característica central do fascismo.

Havia uma propaganda fascista no tempo de Mussolini que dizia “o homem fascista é pai, marido e soldado”. Esse é o modelo do homem fascista, ele é heterossexual, por princípio, ele se filia a um modelo de família patriarcal tradicional e ele é soldado. O ideal do homem fascista é a força, é a arma. Não há uma separação nítida entre o culto da arma de fogo e o machismo na tradição fascista e isso acontece no Brasil, isso nós estamos vendo. Isso é uma das características fascistas que se manifesta nesses inimigos da democracia que estão à espreita, preparando um golpe de Estado. A isso, nós temos que prestar atenção.

Eu lembro, aqui, uma frase de Hitler, Adolf Hitler, o tirano do nazismo na Alemanha, e que é lembrada no documentário de um cineasta russo, chamado Mikhail Romm, “O fascismo de todos os dias”. E essa frase de Hitler era a seguinte: “Nem todo professor pode ser um cabo, mas todo cabo pode ser um professor”. Essa frase é interessante porque mostra bem a hierarquia de valores e essa visão militarizada, muito próxima do machismo, que caracteriza o homem do fascismo e o homem do nazismo.

Segundo Hitler escreveu em seu livro **Mein Kampf**, de 1925, o intelectual é um tipo degenerado, é um tipo indesejável. O militar é o suprassumo da masculinidade e da plenitude do homem. Qualquer cabo pode ser um professor, mas nem todo professor pode ser, sequer, um cabo. Isso também aparece no Brasil com o enaltecimento do modelo das escolas militarizadas para todas as idades: o propósito não é ensinar, o propósito é enfraquecer a liberdade. Assim como a propaganda contra a urna eletrônica não tem o propósito de questionar a tecnologia da urna eletrônica, mas tem o propósito de jogar descrédito sobre a própria democracia, a finalidade das escolas militarizadas não é ensinar, mas militarizar a sociedade.

Falemos um pouco mais sobre a campanha que os inimigos da democracia fizera, contra a urna eletrônica. Seu objetivo claro era enfraquecer todo o sistema eleitoral no Brasil. A urna eletrônica era apenas um pretexto. Diziam que a urna eletrônica era sinônimo de fraude, quando não há nenhuma prova disso e quando não há nenhuma indicação de que tenham ocorrido fraudes na urna eletrônica. Em contrapartida, são profusas e incontáveis as fraudes que ocorriam com o voto por escrito – no tempo do voto a bico de pena, nem se fala –, mas a campanha antidemocrática para desacreditar a urna eletrônica desprezou esse fato. A intenção dos que fazem propaganda contra a urna eletrônica não é a verdade factual, não é apurar os fatos objetivamente, mas apenas enfraquecer a reputação e a credibilidade do sistema eleitoral.

Isto posto, vamos retomar o nosso assunto. Eu falei de alguns aspectos, muito rapidamente, da tradição autoritária e totalitária que chega até nós nessas forças que são inimigas da democracia. Agora, eu quero falar muito rapidamente sobre uma ordem comunicacional hoje trancafiada nos conglomerados monopolistas globais. Quem são esses conglomerados? São as chamadas *Big Techs*,

ou as grandes *Big Techs*, as cinco grandes que são: *Amazon, Facebook, Google, Microsoft e Apple*. Essas cinco empresas juntas, hoje, valem algo perto de 10 trilhões de dólares. Há dois anos, o valor dessas empresas somado era um terço ou menos do que isso. No dia 29 de julho, recentemente, final do mês de julho, o valor dessas companhias tinha batido a casa de 9.3 trilhões de dólares, cinco empresas. Se comparadas ao PIB de um país do tamanho do Brasil, por exemplo, esse valor - de 9.3 trilhões de dólares - representa uma ordem de grandeza quatro ou cinco vezes maior. É desse tipo de concentração de poder e de capital que nós estamos falando.

Essas empresas, hoje, concentram o maior valor de mercado de toda a economia capitalista. Temos aí mais um indício de que o centro da economia capitalista foi para a comunicação. Hoje, a comunicação da era digital é o coração da fabricação de valor no capitalismo global. A superindústria da comunicação é hoje mais forte que a indústria de petróleo, mais forte que o setor financeiro. Qual é o negócio dessas empresas? O negócio dessas empresas é explorar o olhar, é explorar o trabalho de multidões que imaginam que estão se divertindo nas redes sociais quando, na verdade, estão produzindo signos, a partir dos quais se cria esse valor impressionante. Essas cinco *Big Techs* têm hoje faturamento anual líquido que fica por volta de 200 a 300 bilhões de dólares. É uma desproporção.

Essa comunicação, que explora pessoas que imaginam que estão se divertindo quando, na verdade, estão trabalhando para os grandes conglomerados, tornou-se o principal negócio do capitalismo. Essa comunicação superindustrial fabrica signos, imagens, e não coisas corpóreas. Pensem que uma *Google* ou um *Facebook* da vida não contratam digitadores, não contratam redatores, fotógrafos, cinegrafistas, roteiristas, atores, atrizes. Tudo isso quem faz são os usuários, os chamados usuários. Não deixo de registrar uma observação sobre essa palavra, usuário. O mesmo nome que se dá aos consumidores de drogas – os usuários – é o nome que se dá aos que se deixam capturar pelos conglomerados monopolistas globais. Tudo é feito pelo usuário no momento exato em que o usuário imagina que está se divertindo, preciso destacar bem esse ponto. Atenção: o trabalho que as pessoas realizam quando imaginam estar se divertindo é a origem dessa riqueza enorme que está produzindo hoje.

Ora, isso tudo não passa pela mediação do pensamento. O que conecta essas multidões nessa indústria não é a razão, não é a mediação tão própria da política moderna, mas são identificações - que Freud chamou de ligações libidinais. Esses nexos não passam pela compreensão, não passam pela lógica, não passam pela construção de argumentos, mas apenas pelo sentimento, pela emoção, pelo desejo.

Esse terreno é muito propício para a desinformação, para as *fake news*, para o discurso de intolerância e para o discurso de ódio. Isso tudo está na raiz desse fenômeno que é a redução dos

assuntos políticos a um enorme *reality show*, onde vale tudo. É nesse ambiente dos conglomerados que prosperou vertiginosamente o discurso do obscurantismo e do ódio. É com isso que eu faço a combinação entre esse cenário da superindústria e essas tradições autoritárias. Essas duas vertentes se encontram e geram essa grande ameaça que cresce aos nossos olhos e que vem enfraquecendo a democracia em vários lugares do mundo.

Para terminar, quero dizer que, por fim, nós não podemos permitir que o nosso desânimo e a nossa desesperança se transformem em aliados das forças que querem destruir a democracia. É possível resistir a isso e é possível vencer isso. Mas nós só conseguiremos vencer essas ameaças se soubermos trabalhar em união naquilo que é possível trabalhar em união.

Nós precisamos ter, no Brasil, uma política de frente. Eu não digo uma frente para ter um único candidato à presidência da República, não é disso que eu estou falando. Mas uma frente para mostrar para o país inteiro e para o mundo que os brasileiros e as brasileiras recusam essa trilha de construção de um golpe de Estado que nós estamos seguindo. Nós teremos que ter no Brasil atos unificados de defesa da democracia e de protesto contra as lideranças autoritárias e contra o discurso do ódio, contra o preconceito, contra a intolerância e contra essa fraude industrial poderosa para destruir a democracia por meio da desinformação.

Se nós não formos capazes de estabelecer alianças de defesa da democracia, o trabalho dos que querem acabar com a democracia será um trabalho mais fácil do que deveria ser. É o que eu trago para vocês. Muito obrigado pela atenção de vocês, estou pronto aqui para os nossos diálogos e para comentar os comentários de vocês. Muito obrigado!

### **Início do debate:**

**Mozahir Bruck:** Muito bem Eugênio Bucci, ótimo, muito bom, excelente te ouvir, viu? Colocações importantíssimas, acho que com certeza traz, como eu falei, o título da palestra já sugeria, a conferência sugeria isso, ou seja, muito instigante. Nós já temos aqui perguntas. a primeira do Alexandre Eustáquio Teixeira. Ele nos traz a seguinte questão: “É preciso, ainda hoje, pensar em controle social das mídias? Como fazê-la? E no caso das *fake news*, é possível algum tipo de controle social?”.

**Eugênio Bucci:** Olha, é uma excelente pergunta. Existe um nível em que sim, nós temos que ter regulação do setor da comunicação, isso existe em todos os países democráticos, dos Estados Unidos à Alemanha. Não deveria ser um bicho de sete cabeças. Todo mercado tem algum tipo de regulação

e o da comunicação também precisa ter, e, havendo regulação, não apenas não se estimula a censura, como se inibe a censura.

Há mais liberdade de imprensa em países onde o mercado da comunicação foi regulamentado e é regulado - regulamentação e regulação são coisas diferentes, mas complementares. E nós, no Brasil, temos um déficit democrático, porque nós não fizemos a regulamentação dos meios de comunicação e do mercado de comunicação. Essa é uma matéria complexa, com muitas armadilhas. É preciso estudar para compreendê-la, mas não há dúvida de que o mercado dos meios de comunicação precisa ser regulado; e isso alcança desde pequenas emissoras até os conglomerados monopolistas globais, que precisam ser regulados em várias democracias, e já surgem processos contra as *Big Techs* nos Estados Unidos por práticas monopolistas, surgem esforços de regulação na União Europeia e, até mesmo na China, práticas monopolistas vêm sendo combatidos pelo Estado. Não há mistério nisso aí.

Uma coisa que nós precisamos observar, e que confunde muito a opinião pública, é que hoje o presidente da República vem tentando impedir que haja algum tipo de prevenção regular e democrática contra a indústria da desinformação. E fica parecendo que o presidente e seus apoiadores estão defendendo a liberdade e que as forças democráticas estão defendendo a censura. Isso é uma ilusão de ótica terrível e muito perigosa. Na verdade, a liberdade de expressão fica a salvo de qualquer tentativa democrática de regulação de um mercado. Ninguém que defenda a regulação nos marcos da democracia quer cercear a liberdade de expressão e a liberdade de imprensa, ao contrário, quer fortalecer. O que a regulação procura fazer é combater práticas desleais e ilegais.

O que vem acontecendo com a desinformação no Brasil é típico disso. Nós não estamos falando de uma pessoa que resolveu ir lá em algum *site*, ou em algum programa de auditório, e dizer que brócolis cura a covid. Qualquer pessoa pode dizer isso, será uma besteira, mas as pessoas têm direito de dizer isso. O que tem acontecido no Brasil não tem nada a ver com isso. O que tem acontecido é que se estabeleceu aqui uma indústria poderosa, rica, com conexões internacionais muito bem financiadas, com pessoas remuneradas trabalhando nisso, com monetização, que ganham dinheiro em função da audiência e ganham bastante dinheiro, para desinformar propositadamente. Lideradas por pessoas que se vangloriam de não ter tomado a vacina e que se vangloriam de não usar máscara e isso cria um ambiente em que as pessoas não percebem que a vacina é importante.

Nos Estados Unidos, é muito expressivo o número de pessoas que se recusa a tomar a vacina. No Brasil isso colou menos, ainda bem. A população compreendeu a importância da vacinação. Não para se proteger de forma egoísta, não é essa a grande vantagem da vacina. A vantagem da vacina é que, todos tomando, uns protegem os outros. Nós tomamos vacina menos para proteger a nossa pessoa e mais por solidariedade aos outros. Para impedir que nós sejamos veículos do contágio, é para não levar a doença para os outros que nós tomamos a vacina e essa mentalidade prevaleceu no Brasil. Mas a desinformação quer destruir a democracia, mesmo que para isso precise destruir a saúde da população.

A desinformação cresce como uma indústria e é preciso, sim, conter essa indústria. As pessoas podem falar o que quiserem, mas as organizações não podem montar máquinas clandestinas de propaganda para desinformar a população, para levar-lhe doença e morte e levar descrédito às instituições que funcionam, para levar ameaça contra pessoas que exercem funções públicas legais, legítimas. Isso é muito perigoso que está acontecendo no Brasil e nós precisamos ter calma para entender esse cenário e saber como nos conduzir dentro dele.

A regulação dos meios de comunicação é uma tendência democrática que aparece nas principais democracias do mundo, isso é fora de questão. E hoje nós temos um fator que confunde a opinião pública, que os que defendem a destruição do sistema eleitoral, os que defendem a máscara como sendo um mal, os que dizem que a vacina ofende a liberdade, esses estão ganhando terreno com uma indústria poderosa, como se fossem eles os defensores da liberdade e eles não são, eles são os inimigos da liberdade. Eles defendem a sua liberdade de acabar com a liberdade de todos nós e isso tem confundido a opinião pública.

**Mozahir Bruck:** Muito bem. Eugênio, eu tenho aqui o comentário da Ev' Angela Barros, um primeiro comentário que diz o seguinte: "O interesse em fragilizar o sistema eleitoral é claro. Quanto maior o caos, melhor para quem deseja enfraquecer os esteios da democracia", primeiro esse comentário. E já emendo com a pergunta, aqui, do Sávio Oliveira que diz o seguinte: "Sabemos que a internet já vem sendo utilizada como o principal meio de comunicação política nos últimos anos, mas por que as direitas saíram na frente nessa corrida? O que justifica esse protagonismo?"

**Eugênio Bucci:** É uma pergunta crucial e difícil. Eu escrevi há dois anos um artigo de investigação acadêmica numa publicação que nós temos aqui, na ECA, que é a revista **Novos Olhares**, e o título dessa minha contribuição, desse meu artigo, é justamente isso: "Por que as tecnologias favorecem,

ou são mais propícias às forças de direita?” Ou, dizendo de outra forma, por que que as forças da extrema direita, extrema direita antidemocrática, se saem melhor no uso das tecnologias digitais. Isso é uma grande discussão. Em parte, a explicação para isso tem relação com esse fenômeno que eu abordei. O tipo de comunicação nesse universo das mídias digitais é um tipo de comunicação que não passa pelo argumento, não passa pela razão. Ele é puramente pulsional e propenso à violência. Quem explora melhor isso são as organizações de extrema direita antidemocrática, em parte isso pode ser entendido como uma das razões.

Uma outra razão, que é apontada por alguns estudiosos, é a capacidade de organização e financiamento dessas forças em relação às tecnologias digitais. Forças de esquerda também têm financiamento e há comprovação de que forças de esquerda também lançaram mão de *fake news*, mas o público, o amálgama entre o meio e o tipo de mensagem, fica melhor nas causas de extrema direita. Quer ver um exemplo? Alguns garotos na Macedônia, na campanha presidencial de Donald Trump, de 2016, criavam notícias fraudulentas, *fake news*, para ganhar dinheiro pelo volume de audiência, porque as grandes plataformas remuneram os *sites* que alcançam determinado número de *likes*, de engajamentos, de reprodução.

Esses meninos da Macedônia depois deram entrevista – e isso ficou documentado – eles no começo faziam notícias em prol do Donald Trump igualmente em prol da Hillary Clinton, que era candidata do Partido Democrata. O que acontecia é que as notícias da Hillary, que eram notícias falsas, falando mal do Trump, com os mesmos truques, com os mesmos golpes, não alcançavam tanto o público, porque o público dos democratas não embarcava muito nesse tipo de história. Embarcava também, mas nem tanto. Então, essa propensão do público também pode ser outro fator que explique porque a desinformação em prol de causas da extrema direita antidemocrática tenha mais êxito do que a desinformação em prol de causas de esquerda, mesmo quando essas organizações de esquerda recorrem a notícias fraudulentas. A propensão do público é diferente numa frente e na outra. Então são algumas pistas que a gente pode ter para tentar entender esse problema, mas ainda são pistas insuficientes.

**Mozahir Bruck:** Muito bem. Tem uma pergunta aqui agora da Lucélia Santos, que faz a questão: “Quais as melhores alternativas para mudar esse tipo de situação sem que caiamos em um retrocesso, visto que a atual situação política do país acentuou com a pandemia?”

**Eugênio Bucci:** Olha, eu quero, aqui, lembrar um ensinamento de uma das maiores historiadoras do Brasil. É uma intelectual brilhante, mineira, Heloísa Starling, que fala que nós temos que, no Brasil, reeditar a frente ampla dos anos 60, que uniu aqueles que queriam se opor contra o regime militar. Essa frente ampla, lembra Heloísa, juntava JK, Carlos Lacerda, pessoas que eram, entre si, rivais e adversários ferozes, mas elas se reuniram para defender um valor maior. O que nós temos que fazer no Brasil é defender o fortalecimento e a sobrevivência da democracia. Defender a sobrevivência e o fortalecimento da democracia. E saber que isso é mais importante, neste momento, do que o partido A ou o partido B.

Como vai ser essa frente é uma questão de discutir. Em que bases ela vai se estabelecer é uma questão de discutir. Qual vai ser o comportamento dos partidos na eleição do ano que vem é uma questão de discutir. Mas não há dúvida - e aí a Heloísa Starling ensina com toda propriedade - não há dúvida de que as forças que defendem a democracia - sejam forças mais à direita, sejam forças mais à esquerda - porque há uma direita democrática fundamental, assim como há uma esquerda democrática fundamental, as forças de esquerda e de direita que defendem a democracia precisam ter maturidade e grandeza para caminharem juntas na defesa da democracia. É isso que nos falta.

**Mozahir Bruck:** Muito bem. Lembrando viu, Bucci, que a gente também está na transmissão pelo canal do *Youtube* e ali as pessoas estão parabenizando pela palestra, reflexões esclarecedoras, importantes, bastante necessárias. A pergunta de um colega nosso, jornalista, professor da PUC Minas, Getúlio, traz o seguinte: “O senhor, como primeiro presidente da EBC, como vê o desmonte da comunicação pública, não estatal, no âmbito federal e também nos estados?”

**Eugênio Bucci:** Olha, eu agradeço muito a pergunta e faço uma pequeníssima correção. Eu não fui o primeiro presidente da EBC, eu fui o último presidente da RadioBrás, porque, depois de mim, depois que eu saí ficou o Garcez, que era o nosso diretor de jornalismo. Foi um grande dirigente da RadioBrás e depois trabalhou, também, na EBC. O que houve foi uma transição entre o modelo da RadioBrás e um outro modelo que seria a EBC. Foi uma transição numa direção a meu ver acertada, que era a direção de construir uma organização de âmbito federal que fosse independente do Governo Federal, mas que não foi bem sucedida, porque não se conseguiu construir essa independência. Foi uma mudança tímida, infelizmente. Eu sou parte dessa mudança, mas nós não conseguimos fazer uma solução que de fato assegurasse a independência.

E a independência das emissoras públicas, nos Estados Unidos, na Alemanha, no Reino Unido, na Suíça, é real, ela funciona e beneficia enormemente a sociedade com informação de qualidade. Isso é uma experiência já realizada há muitas décadas cujo êxito é indiscutível. Nós poderíamos ter isso no Brasil, mas não tivemos. E o que aconteceu é que, quando o atual presidente da República chegou lá, dizendo que ia acabar com a EBC, não acabou porque viu naquilo uma máquina de propaganda e esse governo só faz propaganda, é um governo de pura propaganda, não faz outra coisa e não iria jogar fora uma máquina de propaganda a mais - e é o que tem se feito. Até jogo de futebol para fazer propaganda do presidente da República já se viu por aí.

É uma lástima, uma tristeza, é um uso indevido do patrimônio público, é um aparelhamento antirrepublicano, uma profunda tristeza para mim e para outras pessoas que trabalhamos na causa da comunicação pública no Brasil. É muito triste ver isso, mas eu vejo isso com pesar enorme. Mas acho que, se o Brasil souber dar a volta por cima, nós vamos melhorar, nós vamos melhorar a qualidade das escolas, nós vamos melhorar a situação das universidades públicas, nós vamos melhorar, especialmente, a situação das universidades federais, a situação dos institutos de pesquisa e vamos melhorar, também, a comunicação pública, que não pode ficar relegada à função de garoto de recado de autoridade totalitária ou autoritária.

**Mozahir Bruck:** Muito bem. A pergunta aqui de Tatiane Moreira é: “Gostaria que falasse um pouco sobre os perigos dos ataques e ameaças ao Poder Judiciário como uma tentativa de destruir o Estado Democrático de Direito.”

**Eugênio Bucci:** Sim, é uma pergunta crucial. Veja que hoje uma instituição que tem funcionado para estabelecer limites ao expansionismo cego do Poder Executivo tem sido o Poder Judiciário e, em alguma medida, o Poder Legislativo. Recentemente, o presidente do Senado devolveu uma medida provisória do presidente da República que, exatamente, tinha a finalidade de liberar e dar licença total para a fabricação industrial de desinformação. A medida foi devolvida e, na sequência, o Palácio do Planalto encaminhou agora um projeto de lei para o Congresso, mas não mais uma medida provisória, ou seja, o governo reincide com a mesma pretensão de dar salvo-conduto para a poderosa indústria de desinformação que ele vem montando.

De outra parte, o Poder Judiciário tem desempenhado um papel fundamental em estabelecer limites para esse delírio autoritário que vem ganhando corpo no Brasil. E aí é verdade que o Poder Judiciário tem suas falhas, tem erros, tem distorções, como todo poder de toda República, mas nesse ponto os

quadros mais altos do Poder Judiciário e da Justiça no Brasil têm sabido estabelecer e demarcar claramente limites e sem limites o Poder Executivo, com essa liderança que está lá, teria tomado conta de tudo e já teria instaurado uma ordem autoritária no Brasil.

Nessa perspectiva, eu acredito que essas ameaças que vêm acontecendo contra o poder judiciário – nós temos inclusive discursos do próprio presidente da República - em Brasília, mas com muito mais ênfase aqui em São Paulo, no dia sete de setembro - pedindo a demissão do Supremo, chamando o ministro do Supremo de canalha, dizendo que o presidente do Tribunal Superior Eleitoral compactua com uma fraude, porque defende a urna eletrônica, nós tivemos isso e isso é uma demonstração clara de que o líder do Poder Executivo quer, sim, intimidar e lançar ameaças contra líderes de outros poderes. O objetivo é claro, é de quebrar o poder que vem cumprindo seu papel e, com isso, sim, enfraquecer o funcionamento da democracia. É lógico que nós temos que estar atentos o tempo todo e criticando poderes da República e as autoridades o tempo todo, isso traz saúde para a democracia. Mas outra coisa é acontecer o que vem acontecendo, de ameaças físicas, ameaças a familiares contra autoridades da República para destruir o poder do Estado Brasileiro. Isso é inaceitável e o objetivo, claramente, é enfraquecer a democracia.

**Mozahir Bruck:** Muito bem. Bucci, já são 21:04, eu pedi que a gente deixasse o professor Wanderley que ia fazer a última pergunta e aqui encerramos, desde já agradecendo, mas vamos ouvir primeiro o nosso Pró-reitor.

**Wanderley Felipe:** Professor Eugênio, eu gostaria de falar, a minha pergunta é sobre a questão do poder econômico ao qual o senhor fez referência. A associação do sistema capitalista com o poder político transforma o cidadão em consumidor, que sem se dar conta está sendo consumido, como o senhor mesmo disse. Parece que não resta alternativa, embora haja propositores de outro tipo de economia, como o Papa Francisco, por exemplo. O que pode ser feito para escapar dessa armadilha que surge de uma associação perversa com o poder político?

**Eugênio Bucci:** Professor Wanderley, que pergunta sensível. Agradeço muito e é um ponto ao qual temos que dedicar muita atenção. Sim, o Papa Francisco mais de uma vez lançou alertas contra isso e aqui no Brasil nós temos que levar em conta que um setor bastante representativo da elite financeira do país ainda apoia o presidente da República.

Nós poderíamos estar discutindo o *impeachment* do presidente da República em função de várias declarações, vários atos, várias omissões que caracterizam crimes, ou tipificam condutas ilegais e impróprias, algumas passíveis de serem interpretadas como crime de responsabilidade. No entanto, o presidente da República está blindado, em parte por essa elite financeira, esse segmento da elite financeira, e em outra parte pelo apoio do centrão do Congresso Nacional. Uma coisa não está separada da outra. A elite, ou o segmento da elite financeira, não está separada do comportamento do centrão. Esse dado conjuntural deve ser levado em conta por nós. Nós precisamos ter uma manifestação consistente e unificada de defesa da democracia para, inclusive, sensibilizar esse setor da elite financeira do país. Mas isso, como eu estou dizendo, é uma observação que eu faço de corte conjuntural.

A sua pergunta é uma pergunta de caráter mais amplo. Ela nos leva a uma reflexão sobre como devemos nos portar diante de uma ordem em que o cume do poder econômico se associa ao ponto mais alto e mais poderoso do poder político para dar seguimento a uma lógica de exploração e de acumulação de capital, também de acumulação de poder. Será que a ganância, a ambição, o desprezo pela dor humana, o desprezo pela fome, pelo sofrimento, será que essas posturas devem governar a vida da humanidade? Essa é a sua pergunta e eu sou contra isso. Eu sou contra isso, eu acho, sinto e penso que os padrões de civilidade e de civilização devem impor limites ao desejo de lucro de alguns e ao desejo de lucro que encontra representação numa ordem selvagem de exploração não limitada.

Eu entendo que isso deve ter limites, entendo que deve ser também civilizado, que a ganância, a ambição, o desejo de poder não devem governar a nossa vida, ao contrário! Mas isso é uma discussão muito maior, é uma discussão sobre a natureza humana, é uma discussão sobre a compatibilidade da natureza humana com as relações sociais aí postas. E é um tema de difícil solução, que nos acompanha há pelo menos dois mil anos. O capitalismo agravou tudo isso, mas essa discussão é mais antiga. Hoje nós temos, no Brasil, uma questão mais conjuntural que é lançar um alerta para essa parte da elite financeira para que ela deixe de emprestar sustentação por interesses vis a um governo que está destruindo, já está destruindo, a essência de algumas instituições da democracia brasileira. Isso precisa ser interrompido, isso eu diria que é uma tarefa imediata que nós temos pela frente.

**Mozahir Bruck:** Muito bem. Agradecemos demais ao Eugênio Bucci, acho que foi uma noite com questões aqui que nos tocam profundamente enquanto pessoas, enquanto cidadãos, enquanto desejamos uma nação melhor. Eu vou devolver a palavra aqui ao Fernando e agradeço ao professor Wanderley a oportunidade de estar aqui nessa mesa.

**Wanderley Felipe:** Antes de o Fernando falar, eu gostaria de agradecer ao professor Eugênio Bucci. Foi uma belíssima palestra, que nos coloca para pensar numa série de questões e que interliga essas questões com nossa história antiga e recente. Acho que houve uma articulação de ideias, uma construção de ideias fantástica. Então foi de grande proveito para nós e nos faz pensar muito. E agradeço o professor Mozahir mais uma vez pela sua participação e mediação nessa mesa que me deixou muito feliz. Acho que foi um momento muito importante de reflexão. Muito obrigado!

**Eugênio Bucci:** Eu que agradeço, muito obrigado. Uma honra estar aqui com vocês e um abraço e muita esperança, muito esperar para todas e todos que nos seguem aqui.